



Católicos e Evangélicos: Análise do poder e da violência no século XX em Goiás

Mayara Monteiro Guimarães
Universidade Estadual de Goiás
mmguimamonteiro@gmail.com

Resumo: Este texto propõe uma análise dos conflitos que ocorreram nos anos iniciais do século XX em Goiás. Conflitos que se desenvolveram após a chegada de missionários protestantes na cidade de Santa Cruz de Goiás em 1904. O estudo busca elementos para um debate sobre a principal divergência entre a religião católica e a protestante, em um período de choque do tradicionalismo (católico), a modernização e a chegada dos missionários na região.

Palavras-chave: Representações. Catolicismo. Protestantismo.

Apresentação

Santa Cruz de Goiás teve sua origem em meados do século XVIII, mais aproximadamente em 1729, por Manoel Dias, onde se estabeleceu para a exploração de ouro. Era comum naquele período, quando se estabeleciam em uma localidade colocar uma cruz ou construir uma igreja ou capela, mesmo que economicamente estivesse em dificuldades. As primeiras habitações eram construídas em volta da igreja no intuito de consolidar uma identidade na crença católica. Além disso, a construção destas em torno da capela era uma exigência da instituição Católica, no qual o terreno tinha de ser doado para a construção da mesma. Esta forma que foi imposta pela a instituição maior, fez com que Santa Cruz crescesse e construísse uma identidade pautada na tradição e nos valores católicos. E que de certa forma permaneceu intacta até o final do XIX. O arraial tornou-se Vila, com a tradição da festa das Cavalhadas, que acontecem desde o século XVIII.

Já a Vila Gameleira, que surgiu em decorrência a expulsão dos protestantes da cidade de Santa Cruz. No entanto a Vila Gameleira cresceu muito rapidamente, elevando-a em cidade já em 1953, e durante todo o processo, a mesma foi palco de mais conflitos



ideológicos entre os religiosos. Levando a expulsão dos católicos da antiga vila – acontecimento que se sucedeu, em contraste da moral religiosa e da ascensão da modernidade em Goiás. Onde os símbolos e o tradicionalismo à região, na religião, e os elementos culturais passaram a ser passaram a ser subjugados, gerando conflitos na sociedade interiorana de Goiás.

As representações do Santo São Sebastião

São Sebastião foi guarda do Império Romano, em uma época em que os cristãos eram violentamente perseguidos pelo o então Imperador Diocleciano, que governou por mais de duas décadas Depois de cristo. Sebastião escondeu por um tempo o fato de ser cristão, para poder ajudar outros cristãos presos e martirizados. Ele os confortava e fornecia alimentos. Quando Sebastião declarou ser cristão, foi condenado à morte. Foi amarrado a um tronco de árvore e flechado pelos Soldados romano, mas mesmo assim conseguiu sobreviver à tamanha violência. Depois, alguns cristãos que foram ao local para sepultá-lo perceberam que Sebastião ainda estava vivo. Algum tempo depois, Sebastião já curado, foi procurar Diocleciano, para dizer-lhe que estava errado, no entanto Diocleciano condenou-o novamente. São Sebastião é representado com flechas e é invocado para a proteção contra doenças e pestes, pois permaneceu vivo mesmo depois de ser gravemente ferido.

Para a comunidade católica, as festas que comemoram o padroeiro da cidade ou qualquer outro, é um momento de extrema importância, PIS é o momento em que a comunidade se reúne a fim de evangelizar e aprofundar-se na fé. A festa do padroeiro é um acontecimento que promove a sensibilidade espiritual na vida das pessoas, que para a fé católica também é um momento de reflexão e humanização dos indivíduos. Onde as pessoas se encontram, trabalham em equipe, envolvem os vizinhos, enchem seus corações de esperança em um mundo cheio de contradições, feridas e violência. Na perspectiva do catolicismo, as procissões em homenagem aos santos possuem caráter sacro, e geralmente, estas procissões, são feitas para agradecer, suplicar ou mostrar o quão o homem é vulnerável as suas ações e situações, principalmente quando fere o sagrado. E, a quebra da imagem do Santo São Sebastião, motivou a comunidade a ir de contra todos os princípios, convertendo-os em violência e ódio aos protestantes.



A veneração do(s) Santo(s) está ligada a uma prática antiga, para valorizar a memória dos mártires, que passou a ser atribuído como um virtuoso a ser atribuído como um virtuoso, imbuído de poderes mágicos, ligados a milagres antes e depois de morto. No caso de Sebastião, foi à resistência a morte e a perseverança como cristão. Para os protestantes, o culto á pinturas, estatuas e demais objetos iconográficos, não são formas de adoração genuínas, e venerar os santos na terra não Possui fundamentos, mas isso não significa que os protestantes não respeitem a arte. Entretanto, cultuá-los e santificá-los era outra coisa que não correspondia à realidade, já que, o homem é pecador por natureza.

Os santos, para os católicos, principalmente os mártires, cumprem com o papel de ser o modelo de salvação, por isso são representados e valorizados pelo o sofrimento que os levaram a santidade e venerados em ocasiões especiais, o culto ao santo e a utilização de imagens estão presentes desde a construção da hierarquia religiosa e sua constante necessidade de firmar valores morais e éticos, por isso os santos são os maiores exemplos para o catolicismo, e dentro deste perspectivo contexto, destaca- se a importância deles, não somente em Santa Cruz, mas como outras regiões, como por exemplo, Silvânia, Davinópolis, Catalão, entre outros, isso por que:

[...] O Mártir São Sebastião passa a ser cultuado por todo o estado de Goiás principalmente em suas áreas interioranas. E, suas práticas independem da Igreja Católica e vão se (re)criando e se transformando a partir das necessidades de seu tempo e espaço perdurando até os dias atuais. E se não possui destaque de forma oficial é marca presente nos corações e manifestações da fé dos moradores do Sertão Goiano. (OLIVEIRA. 2014,p.123).

Muitas Igrejas em Goiás carregam o nome de São Sebastião. Em Silvânia, por exemplo, a igreja principal, construída no período colonial, carrega o nome do Mártir, as ruínas da capela em Aureliópolis de Goiás, a primeira igreja de Rio Verde construída em 1907. Entre essas há outras construções católicas destinadas ao santo mártir, que estão convencionalmente ligadas ao imaginário tradicional e as práticas culturais, que foram modificadas pelo século XX, principalmente no que tange o significado de santidade diante do novo contexto social, cultural, político e violento.



Das perseguições religiosas em Santa Cruz de Goiás

Em linhas gerais, a colonização do sertão goiano difere-se das demais localidades do território brasileiro, não só nos parâmetros econômicos, como religioso também, segundo Araújo (2008), essa diferenciação criou uma dualidade, sob o olhar dos missionários, principalmente no modo de vida do sertanejo, e o modo de vida “civilizado” da região litorânea – e esta dualidade foi “capaz de delimitar plenamente” os modos de prática missionária em Goiás.

Desde a chegada dos viajantes no século XIX a província de Goiás era vista como uma região de atraso e de pessoas “acomodadas” (principalmente na perspectiva de Saint-Hilaire). Esta perspectiva de atraso e prostração era associada pelos protestantes, tendo como os católicos com responsáveis e as demais instituições oficiais, que acabara por afetar as esferas sociais como um todo, a partir da tradição religiosa católica, que ainda persistia durante o século XX. Nos anos iniciais do mesmo, a sociedade permeava nas tradições construídas ao longo dos séculos anteriores, entretanto, com a chegada de missionários e a ética e seus dogmas divergentes da católica, elas visavam uma modernização da sociedade de Santa Cruz, que abriu um amplo espaço para os conflitos entre as religiões (1904 - 1907).

O primeiro conflito entre as religiões ocorreu com a tentativa de construir o primeiro Templo Evangélico – que foi barrado, no entanto, o estopim do conflito ocorreu quando o ex-ministro da igreja católica, convertido ao protestantismo, quebrou a imagem do padroeiro no dia da festa destinada ao mesmo (São Sebastião). Tal fato, fato, fez com que a autoridade cível e religiosa, levantasse um conflito armado contra os adeptos, aos missionários e contra o Ministro Evangélico Ricardo José do Vale e sua Esposa Maria José do Vale, que foram forçados a se mudarem de Santa Cruz de Goiás. Estes foram abrigados por um fazendeiro, José Pereira Faustino, que doou terrenos para a construção da igreja e em volta dela foi construindo ranchos de palha, até formar uma vila, depois, cidade. Isso ocorreu em meados de 1907 dando início a criação da atual Cristianópolis.

A violência que se sucedeu, pode ser analisada como uma forma de resistência contra o processo de modernização local e pensamento protestante trazido pelos missionários, que dava extrema importância para as questões materiais envolvendo o poder político e a posse de terras. Neste período Santa Cruz, o poder da Igreja católica



era soberano, inquestionável, e segundo relatos, os santa-cruzenses ficaram extremamente incomodados com a presença dos protestantes, por se apropriarem de terras, criarem comércios e de principalmente converterem católicos à religião protestante. Assim, levantando uma perseguição, mostrando o quanto a igreja ainda controlava de forma opressiva a vida cotidiana, que levaram a comportamentos associados à violência para resolver os conflitos em questão. Levando em consideração que o final do século XIX e meados do século XX, as demais localidades de Goiás estavam representadas pelas características coronelistas, o que nos remete a lembrança de um sistema opressor e valente.

No que se configura o século XIX e XX, as regiões eram controladas nos mais diversos aspectos, e os valores sociais que se reduziam na perspectiva política, religiosa e autoritária, que se resolvia da violência e repreensão. Segundo Oliveira (2016) esta “valentia” “ainda se configura como um importante valor social”, e que nos permite refletir sobre a cultura da violência. Segundo Bauman (1998), são estes acontecimentos que marcam o século da modernidade, que fica caracterizada pela a intolerância que se configurará como prática natural da modernidade. Onde, tal período exigirá “ a negação dos direitos e das razões de tudo que não pode ser assimilado- a deslegitimação do outro (p.16), em especial no âmbito da religiosidade, na qual ficou ainda mais composta pela a impaciência e intolerância, que dentro daquele contexto de perseguições, poderia ser considerado até como um processo de dominação da sociedade e da cultura local.

Em virtude do contexto sociocultural, político e geográfico, a religiosidade goiana estava calcada também numa ingenuidade que não participava das teorizações dos intelectuais representantes do pensamento católico, visto que sua prática se originava a partir da experiência leiga que a difundia e reproduzia. Esta é mais uma das características do magismo[...] (ARAÚJO. 2008,p.117).

Diante dessas questões ligadas a particularidades religiosas do século XX, possibilita analisar as práticas violentas, culminada pelos católicos, possibilitando, assim, compreensão do modo de vida religioso. Partindo do pressuposto de que a cultura religiosa em Goiás, “estava representada”, pelo o comportamento mais extremo do homem. Oliveira (2016), estes atos são caracterizados como “uma atribuição social”, denominada como “valentia”, que marcou as mudanças sociais, as formas de participação do sujeito inserido em uma sociedade pautada nos costumes, nos hábitos, no modo de ser



e de se relacionar com o outro (no caso os protestantes), e de reconhecê-los como sujeito de direitos.

[...] os seres humanos agem no mundo influenciado por sistemas simbólicos. Como a realidade social é complexa, a busca pelo sentido dá-se por meio de escolhas motivadas por valores culturais. O indivíduo transita por diferentes esferas valorativas, mas só uma delas expressa as suas verdadeiras convicções sobre o mundo. A complexidade da vida e da personalidade induz um passeio por várias esferas, mas cada um, no seu íntimo, escolhe a mais coerente com seus pressupostos morais, éticos e filosóficos. Na competição das esferas, a religião é proeminente, pois oferece a valiosa “cura da alma”: a possibilidade de salvar a alma ou manipular o sobrenatural por meio da magia para melhorar a vida neste mundo. A esfera econômica é regulada pelo dinheiro e busca apenas o lucro, pouco se importando com pressupostos éticos ou religiosos. A esfera política é regulada pelo “pragmatismo das razões de Estado” (Weber, 1982, p.383), inclusive utilizando a violência em guerras e conflitos internos, o que conflita fortemente com muitas outras esferas. (OLIVEIRA, 2016, p.345-346).

Confirma-se então, que a violência no âmbito religioso é decorrente de uma formação política e sociocultural, onde estava em voga a necessidade de (re)afirmar uma identidade cultural, que do posto de vista histórico e cultural há duas perspectivas para melhor compreensão das ações nos anos de 1904 – 1907. O primeiro pode ser compreendido que a perseguição estava relacionada a fatores decorrentes das influências religiosa portuguesa¹ e da modernidade (que instigou ainda mais os atos de violência contra o outro²). A segunda perspectiva é o afastamento constante dos não católicos, formando assim, um processo de negação com o outro, que inviabiliza o direito do outro de existir, e definindo-os como usurpadores da “verdadeira religião”.

Sem dúvida alguma, podemos dizer que as religiões ainda exercem influência em certas localidades, pois as crenças religiosas ainda atuam de forma significativa na conduta dos indivíduos em sociedade. Que no contexto mais geral em relação ao passado a religião foi passiva de transformações na ordem social, inclusive de encará-la como uma necessidade, alimentando a ideia de que justiça viria em meio aos sofrimentos vividos. Dentro da compreensão os símbolos religiosos são fundamentais, pois estão engajados

¹ É de suma importância lembrar que o catolicismo depois de meados do XIX até o XX não só em Goiás, mas no território colonial como um todo, pois, em consequência de uma cristandade colonial conservadora diante. A Igreja Católica, como instituição, perdeu, a sua identidade. Os bispos, que eram poucos, não conseguiram criar uma unidade religiosa nacional, pois eram sufocados pelo regime do padroado. Enquanto isso, o catolicismo popular crescia de forma significativa.

² Quando me refiro ao outro, trata-se de indígenas, africanos e por último já no século XIX- XX em Goiás trata-se dos protestantes



dentro das experiências dos grupos e de suas formas de representação encontradas no cotidiano.

O estudo abrange o entendimento sobre a memória cultural, que presa ao passado, e que revela o quão à memória é dinâmica, e o quanto ela possibilita a compreensão de um passado, e do presente. A memória cultural é construída por heranças simbólicas e cristaliza as experiências coletivas. O acontecimento em Santa Cruz e na Vila Gameleira, foram importantes por que preserva a herança simbólica, à qual os indivíduos recorreram para construir suas próprias identidades e para se (re)afirmarem como parte de um grupo.

Diante deste viés, Bezerra (2013) diz que:

A cultura de um povo inclui suas convicções pessoais (no âmbito grupal), regras de comportamento, idioma, rituais, arte, tecnologia, vestuário, culinária, religião, entre outros fatores. Em uma conotação ampla, podemos concluir, sob o aspecto da identidade cultural, que cultura é o conjunto de todos os aspectos da vida humana, passados e presentes. Refere-se às características ou padrões de uma sociedade específica, ou agrupamento de pessoas que vivem, pensam e produzem de modo semelhante. Esse conjunto é o que irá constituir a identidade cultural dos indivíduos que compõem uma determinada comunidade e com ela se identificam. A identidade de um indivíduo, ou o reconhecimento de quem é e de onde se acha inserido, está estritamente ligada à cultura. Uma pessoa que se vê, repentinamente, imersa numa cultura estranha e totalmente alheia aos padrões aos quais estava habituado, sente-se confusa e desorientada. Assim, a cultura também é fator importante na formação da personalidade do indivíduo e de sua dignidade. (BEZERRA. 2013,p.13).

O conjunto de representações constitui a formação da identidade cultural são de extrema particularidade, que envolve tanto o coletivo como o individual, influenciados pela noção de pertencimento, que quando se trata de um período, marcado pela a construção de indivíduos, caracterizados como “valentes” e repreensivos, em um momento em que crescia o pluralismo e a separação do Estado e da Religião. Entretanto, os católicos tentaram legitimar os acontecimentos a partir da tradição religiosa e política na região oeste.

A religião dentro daquele contexto pode ser considerada enquanto exercício da liberdade criadora, de bens culturais e como instrumentos da construção de mundo para os sujeitos e as diversas “formas simbólicas” que para Durkheim é considerada como “formas sociais”. Criando um consenso sobre a ordem social, os “sistemas simbólicos” explicitam seu caráter estruturado (da religião em Goiás em seus anos iniciais). Onde o culto passou a ter percepções negativas, e os ritos se tornaram particulares em relação



antagônica entre o catolicismo e o protestantismo e as respectivas ambiguidade da noção de sagrado.

Conclusão

As perseguições decorrentes à chegada de missionários protestantes em Santa Cruz de Goiás são passíveis de diversas interpretações, já que, o contexto do século XX em Goiás foi um dos mais conturbados em relação a tradição católica, o protestantismo e a modernidade. A quebra da imagem de São Sebastião foi apenas o estopim para eclodir a intolerância de uma sociedade de uma sociedade pautada na religião e na política coronelista nas primeiras décadas de 1900. A quebra da imagem, que é o símbolo de resistência e persistência.

Os embates religiosos, ou, a violência religiosa, que é repercutida na intolerância e nas suas divergências no que tange o campo social e cultural, compreendendo que a religião é uma construção histórica e tem um olhar ‘imparcial’ para o seu próprio passado. Entretanto, a religião, diante da violência, exerce um papel legitimador, para o conflito, quanto para persuasão diante a situação social vigente naquela época.

Os acontecimentos que se iniciaram em Santa Cruz, possibilitam reconstruir um processo de mudança cultural, social, político e religioso em Goiás, por meio de uma expressão violenta muito particular, daquele contexto em ‘nome da religião’.

Referências

ARAÚJO, Ordália Cristina Gonçalves. **História do Protestantismo em Goiás (1890 - 1940)**. Goiânia. 2004, 194 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**: tradução de: Marcus Penchel.- Rio de Janeiro. Ed: Jorge Zahar Editor. 999. 333p.

BEZERRA, José Ricardo da Cruz. **A Memória Cultural como Direito Fundamental**. 2013. Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará – ESMEC. In: <http://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2014/12/PDF23.pdf>. Acessado em:> 15 de agosto de 2019.



DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo. Ed: Martins Fontes. 1996.p,656.

OLIVEIRA, Anderson Aparecido Gonçalves. **Lá vem chegando São Sebastião, vem a qui te visitar: festas, andanças e folias no interior goiano.** 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso. **Apontamentos para uma sociologia da valentia.** Ed. Nº 43. Porto Alegre. Editora: Sociologia Epistemologias do Sul: Lutas, saberes, ideais de futuro. 2016.